



Formação humana de mulheres no agreste Pernambucano: o sentido do saber viver

ROSA MARIA FARIAS TENÓRIO Y
ALEXANDRE SIMÃO DE FREITAS

rosaftenorio@gmail.com

alexshiva@uol.com.br

ABERTURA AO PROCESSO FORMATIVO...

Mulher é desdobrável: Eu sou
(Adélia Prado)

A imanência poética de Adélia Prado traduz o quanto somos desdobráveis na busca de equilibrar o cargo muito pesado de fazer da vida uma obra de arte. O presente trabalho, fruto parcial de investigação de dois anos, relata expressões singulares de um desdobramento possível das formas próprias de viver uma vida, seja pelas vias da leveza e da sensibilidade, seja pelos caminhos da firmeza e da determinação. Em todas elas, contudo, uma marca em comum: a coragem da desnudez.

Assim, não casualmente, para o filósofo italiano Giorgio Agamben (2010, p.81), a nudez não é um estado, mas um acontecimento”. Por isso, na experiência que dela podemos ter, emerge sempre um campo fértil de subjetivações que configuram nossa condição humana. As mulheres ouvidas durante nosso processo de investigação aceitaram o convite para mergulhar no jogo multifacetado de luzes e sombras que constituem suas vidas, compartilhando conosco indícios de arcaico (*a arché*), ou seja, as sementes dos processos formativos que elas carregam em si mesmas.

Claro que para mim, quanto para Agamben (2010, p.26) a “origem não se situa somente em um passado cronológico”, pois é contemporâneo do nosso devir histórico, já que toda origem permanece atuando no presente como infância que permanece viva na vida psíquica de todo adulto. Ao ouvir as lutas e experiências concretas vividas pelas mulheres de nossa pesquisa acabei sendo tocada por alguns fios de nossa cultura. As histórias narradas foram quase sempre permeadas por sentimentos, saudades,



tristezas, alegrias, esperanças, labutas e desilusões; histórias que, revisitadas, nos ensinam, carregam lições.

Nesse sentido, vale lembrar que a investigação desse trabalho teve como objetivo analisar indícios de processos de subjetivação em narrativas produzidas por mulheres do Agreste de Pernambuco com vistas a uma compreensão ampliada dos processos de formação humana em nossa atualidade. Mais especificamente, a ideia era apreender como se deu a formação das mulheres, na década de 1950, em meio ao contexto de subalternização das vozes femininas.

O cenário fático delimitado foi o auge da produção cafeeira no Agreste pernambucano. O interesse pela temática surgiu a partir de uma intenção antiga de escrever a respeito aspectos da história do Agreste em uma perspectiva de gênero. Isso porque entendemos, em concordância com Chamon (2010), que o estudo de gênero, através das narrativas de mulheres é, além de um caminho metodológico para a pesquisa, processo de fortalecimento da imagem da mulher em um contexto que, de praxe, tem sua imagem secundarizada na história política, social e educacional.

Obviamente não desconhecemos o fato de que há muito se reflete, entre nós educadores/as, a chamada *feminilização do magistério*, uma vez que a própria constituição do campo/corpo escolar, durante o processo de modernização da sociedade brasileira, foi e permanece sendo recortada pela dimensão de gênero. Entretanto, em nosso modo de ver, as pesquisas educacionais desenvolvidas nesse âmbito, não esgotam a percepção dos processos formativos pelo olhar das próprias mulheres. Por isso, interessava perseguir os caminhos e descaminhos formativos percorridos pelas mulheres, buscando perceber como elas se constituem a si mesmas como sujeitos de seu processo formativo diante das dinâmicas societárias que insistem em subalternizá-las seja na relação consigo mesmas, seja na relação com a educação de uma forma mais ampla.

Além disso, historicamente em nosso país, as comunidades rurais reproduziram a lógica patriarcal ancorada na centralidade da figura do pai-marido-patrão, sobrepondo



ao processo de exploração econômica, dinâmicas de dominação simbólica e cultural do trabalho e do modo de ser feminino. As mulheres que trabalhavam no cafezal constituem, nesse caso, um exemplo paradigmático desse processo. “Muitas delas chegavam trabalhar grávidas até a hora do parto e criavam, muitas vezes, os filhos debaixo dos pés de café” (MORAES SILVA 2009, p.558). As múltiplas formas de violência também se estendiam para outras dimensões de suas vidas, pois, como afirma Moraes Silva (2009, p.564), as “mulheres que infringiam as normas eram ‘faladas’, isto é, estigmatizadas”, tanto no espaço público, como no espaço doméstico.

A partir dessas inquietações, nos interessou investigar histórias de subjetivação do feminino no ambiente rural. Nesse itinerário procuramos discorrer sobre a formação através das chamadas *artes da existência*. Tentamos buscar um estudo que privilegiasse a educação informal, ou seja, processos educativos que ocorrem no cotidiano dos agentes tais como a família, as redes de vizinhança e amizade (GOHN, 2006, p.28), enfatizando-se aspectos como valores e culturas, formas de pertencimento herdados. Também percorreremos essa trilha alicerçados nas reflexões desenvolvidas por Michel Foucault que, como afirma Veiga-Neto (2011) moveu um interessante campo de investigação em torno da análise dos processos de subjetivação.

PROCESSOS ÉTICO-POLÍTICOS DE SUBJETIVAÇÃO

Michel Foucault, na década de 1980, mergulhou em uma problematização rigorosa da questão ética na antiguidade greco-romana, tematizando a concepção do cuidado de si e o conjunto de práticas denominadas “artes da existência”. Através desse estudo Foucault procurou apreender o modo como os gregos e romanos elaboravam regras e condutas e buscavam transformar-se, fazendo da vida uma obra de arte, a partir de certos conceitos éticos-estéticos. Nessa direção, procurou formas de resistência à politização da vida, inserindo-se no âmbito do bio-poder, esse foi o foco de sua análise.

Inicialmente os estudos de Foucault buscavam compreender os discursos em que o próprio sujeito era colocado como objeto de saber possível. Nesse caso, os processos de subjetivação tinham referência o modo pelo qual próprio ser humano se compreende



como sujeito de determinado tipo de conhecimento, ou seja, como o sujeito percebe a si mesmo e na relação do bio-poder. A esse processo de objetivação e subjetivação, que se complementam, Foucault chama de “jogos da verdade”, ou seja, regras segundo as quais um sujeito pode se situar em relação à questão do verdadeiro.

A partir do exame da relação de jogos de verdade e objetivação do sujeito nas ciências humanas, Foucault conduziu uma análise das relações de poder, verificando que os discursos das ciências humanas funcionam como práticas discursivas e como práticas coercivas. Na analítica de Foucault, afirmar que o sujeito é um efeito das relações de poder-saber não significa que ele esteja submetido a uma força incontornável que predispõe o conjunto dos acontecimentos. Assim, mesmo assujeitados, os indivíduos concretos localizam-se em um campo aberto de possibilidades. Dessa forma, o sujeito desenvolve possibilidades autônomas em que “faz a experiência de si mesmo.” (FOUCAULT, 2004, p.236)

A temática dos processos de subjetivação, no pensamento tardio de Foucault, busca investigar através de quais jogos de verdade o sujeito se reconhece como sujeito do desejo, problematizando como a sexualidade se tornou um elemento estruturador de nossas identidades.

A exemplo da Antiguidade em que a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através das práticas de si, Foucault (1984, p.19) afirma que é preciso repensar nossa própria relação com a moral a partir das chamadas artes da existência. Aqui adquire visibilidade as técnicas de si voltadas para a relação do sujeito consigo mesmo. Em cada sistema cultural, diz Foucault, essas técnicas permitem

Aos indivíduos realizar, por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural. Chamemos essas técnicas de técnicas de si. (FOUCAULT, 2006, p.95)

Nesse cenário mais amplo Foucault explica que não é o poder, mas o sujeito que ocupa o eixo de suas pesquisas. Apesar de se atribuir a Foucault um repúdio ao sujeito (e depois sua reintrodução), o próprio pensador diz ser seu objetivo conhecer os modos



pelos quais os indivíduos tornam-se sujeitos. O que Foucault abandona, segundo Veiga-Neto (2003), é a noção de “sujeito desde sempre aí”, buscando os meios pelos quais o indivíduo se subjetiva.

Assim, entendemos os processos de formação humana, formação apreendida como procedimento que se compõe na constituição do sujeito histórico que, para lidar consigo e com o mundo que o rodeia, desenvolve sua própria forma de ser.

Essa posição se configura como uma provocação também para repensar certa história do feminino, tendo em vista apreender, na esteira de Perrot (2005), o processo de “partilhas, composição/decomposição, recomposição” que compõem as formas de subjetivação como campo de disputas na história das mulheres.

APORTE DE UMA HISTÓRIA DO FEMINISMO NO AGRESTE PERNAMBUCANO

Não é uma tarefa fácil definir um fenômeno ou objeto de estudo. Ainda mais quando esse fenômeno inter-relaciona questões de gênero com educação e história de mulheres. Tilly (1994, p:30-31) expõe que, nesse âmbito, definições simples e acessíveis são algo bastante raro nas ciências sociais e humanas. Por isso, às vezes, são necessárias algumas torções e deslocamentos. Argumenta a autora que a percepção de que a história configura-se como ciência dos homens no tempo há que transpor esta espécie de fórmula, definindo a história das mulheres como “a ciência das mulheres no tempo.”

Trata-se de um passo importante já que as mulheres existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades e situações familiares diversas que contribuem para constituir suas vidas por meio de diversas regras sociais, em meio no qual emergem crenças e expectativas decorrentes das estruturas de poder. Portanto, é fato que as mulheres atuam no tempo. Assim, para estudar a vida das mulheres é preciso, ante, apreendê-las como sujeitos da própria história.

Ao observar atentamente as vidas das mulheres é possível extrair lições a respeito de até que ponto elas aceitam ou não as limitações políticas e sociais, como construíram



esferas de autonomia e de influência e em que diferiram dos homens nas suas atitudes cotidianas.

Nesse sentido, uma história das mulheres contesta a pertinências das oposições binárias entre homens e mulheres, no passado e no presente, e mostra a natureza política de uma história escrita nesses termos. Assim, as historiadoras das mulheres tratam de descobrir as experiências das mulheres no passado, enfatizando fontes históricas como as biografias e os testemunhos pessoais. O olhar sobre as mulheres vai enxergá-las como

Atores da história, suas atividades, suas diferenças de raça, de classe e de origem nacional, suas concepções de si e do mundo ao redor são, de agora em diante, fatos da história. Esse processo de reabilitação teve um grande peso não somente no desenvolvimento geral dos objetos da história, mas também na formação da consciência feminista e numa maior compreensão da desigualdade dos sexos. (TILLY, 1994, p. 60)

Aqui não tratamos de biografias exemplares que procuram enaltecer as heroínas quando a esmagadora maioria das mulheres ainda vive em condição de extrema opressão. Assim, “estudo das vencidas não nos ensina apenas algo sobre a elaboração de coalisões revolucionárias e sua ruptura” (TILLY, 1994, p.64). Nesse sentido, procuramos a história dos vencidos nas vivências das mulheres da zona rural. A tematização de suas vidas norteia possibilidades delas se afirmarem como portadoras de um saber-poder a reverberar no campo das reflexões pedagógicas.

Na concepção de Rago (s/d, p. 05) o fato de algumas mulheres não se identificarem como feministas não significa, linear e univocamente, ausência de consciência crítica. Pois, também, elas têm criado outros padrões de crítica e resistência, outros modos de constituição da subjetividade, o que Rago vai denominar de estéticas feministas da existência.

A percepção de uma estetização existencial do feminino permite, dentre outros elementos, circunscrever processos de construção de si nos limites das ordens sociais e sexualmente instituídas, mostrando que podem “existir modos diferentes de organizar o espaço, outras ‘artes de fazer’ no cotidiano.” (RAGO, s/d, p. 05), bem como



múltiplas respostas às desigualdades realmente existentes. Essa situação permite também problematizar criticamente o “modelo retrógrado do coronel”, oriundo da casa grande, no qual só há espaço para a “figura da mulher cordial”, que até há pouco tempo constava como a única figura “do repertório brasileiro das subjetividades femininas” (p.06) localizada no mundo rural.

Sabendo-se que o feminismo também é uma luta para tornar mais móveis os modos pelos quais os sujeitos femininos são produzidos e representados; uma luta para abrir o futuro através de um realinhamento de forças que desenham nosso passado e nosso presente histórico, entendemos que as vidas das mulheres rurais têm algo a oferecer ao feminismo.

Nessa direção, investigamos cifras de constituição de si em mulheres que vivenciaram os anos 1950, em contexto rural, machista, em que o âmbito reservado à mulher era estritamente o privado e a escolarização praticamente inacessível.

AS NARRATIVAS: RESISTÊNCIAS E ARTE DE VIVER

Nossa proposta é discorrer pelas narrativas das mulheres de Brejão, problematizando “o sentido do ‘saber viver’, do ‘domínio de si’, do princípio pedagógico por excelência da ‘formação de si’ pelo cultivo de bens seculares (liberdade, autonomia, responsabilidade)” citados em Freitas (2010, p. 57).

Essas mulheres moravam, na década supracitada, na zona rural de Brejão, cidade que na época era distrito de Garanhuns. As histórias foram tecidas na micro região de Garanhuns, onde, na década de 50 Brejão foi palco da maior produção de café em Pernambuco e principal responsável pelo crescimento econômico do Agreste Meridional, usando meio de transporte ferroviário, que cortava o Estado de Pernambuco, saindo da capital pernambucana até a cidade de Garanhuns e vice versa, para escoamento da produção para a Europa, destaque para a cidade de Paris, que tinha o famoso botequim denominado Café Brejão. O pequeno distrito era ladeado por numerosas fazendas que prosperavam com a plantação de café e eram portadoras de grande riqueza. Nesse contexto rural, onde as fazendas aspiravam produção e



rendimento, a direção da pesquisa enfatiza o conhecimento informal e a construção da subjetividade das mulheres em Brejão.

Para sua realização, essa pesquisa se apropriou da metodologia narrativa de si, compreendendo narrativas como processo de ressignificação dos fatos, onde acontece a formação discursiva, através dos quais os significados vão sendo produzidos nos diversos contextos culturais.

Foucault (1966) afirma que

uma tal análise não provém nem de história das ideias, nem da história das ciências: é, antes, um estudo que se esforça para encontrar a partir de que conhecimentos e teorias se tornaram possíveis; segundo que espaço de ordem se constitui o saber (FOUCAULT 1966, p. 13).

As mulheres ouvidas tinham, no período das entrevistas, idade entre setenta e seis e noventa e dois anos e vivenciaram o período áureo supracitado. O elo comum entre essas histórias é o trabalho direto nos cafezais, o imaginário patriarcal e a negação do acesso à educação formal.

Todas são semianalfabetas. Na conjuntura da época foi feita divisão binária acerca da distribuição das tarefas, cabendo às mulheres a colheita do café, enquanto os homens eram responsáveis pela limpeza do mato junto aos pés de café, o que era denominado de “trabalho no eito”.

Nossa principal postura metodológica foi nos colocar à escuta. Para isso fizemos uma questão gerativa que era simplesmente: “como elas se percebiam no contexto da produção cafeeira nos anos 1950?” Por tratar-se de pessoas idosas, um campo delicado, com necessidades específicas, o trabalho de escuta precisou sintonizar-se com tempo diferenciado de suas disposições e humores, além das condições físicas e psicológicas. Tentamos seguir o tempo das narradoras, incluindo seus silêncios, pausas e emoções emergentes.



Foi assim que Felícia, Ana e Noêmia¹, as personagens de nossa trama nos relataram o cotidiano daquele período e como delinearam o sentido de suas existências, contribuindo para uma percepção da história através da ótica de quem viveu o momento na condição de mulher.

AS LIÇÕES DE VIDA EMERGENTES ENTRE OS CAFEZAIS

O mesmo esforço que fizemos para sermos fidedignas à escuta das narrativas, desempenhamos também na reflexão para apreender as formas pelas quais as mulheres aqui apresentadas construíram uma compreensão de si e da sua formação como sujeitos de suas existências.

Curioso que todas elencaram o contexto familiar como aspecto de maior relevância em suas famílias. As vivências no contexto familiar de pertencimento parecem circunscrever não só a diagonal de suas existências, mas também a compreensão que tinham do mundo que a cercavam. Não há nenhuma dúvida, quanto ao fato dos processos formativos dessas mulheres carregarem os códigos e os saberes cultivados em seus ambientes familiares. As lições delineadas no seio da família parecem marcar tão forte e de forma indelével nossa própria alma. Assim afirma uma delas

Por que a gente é, a gente foi, a gente é o que os pais da gente ensinam. Meu pai sempre deu, é, como é? Me deu ensino doméstico a gente, tanto ele como minha mãe, entendeu? Aí isso eu devo a eles, a gente saber se comportar bem, nunca meu pai recebeu uma reclamação da gente. (Felícia)

Suas memórias falam de algo que não se perde jamais, contudo, esse tipo de experiência, por estar cravada no âmbito informal, aparece sempre invisível, como se não tivesse força educativa.

Embora a marca do machismo apareça descarada nos relatos, curiosamente todas apresentam centralidade na figura paterna. Também todas falam de situação de abandono das mulheres, seja na experiência marital ou, no caso das duas que são

¹ Adotamos nomes fictícios para preservar a identidade das mulheres.



solteiras, na experiência vivenciada pelas irmãs e/ou mãe. Dona Noêmia, a única casada, assim relata:

Foi da menina, quando eu tava de resguardo da menina. Da menina, que eu tava doente e o amigo dele disse: mulher doente se procura outra. (...) foi não. Não foi porque a mãe, a mãe mandou dizer a ele que não fosse não, que ele tava vendo que eu tava doente e ele não podia sair de casa. (Dona Noêmia)

Foi preciso a intervenção da sogra para que o marido não a deixasse doente, após um parto complicado e que a criança veio a óbito. Essa narrativa soma-se a experiência das outras em que conviveram com o alcoolismo ou a maneira agressiva do pai tratar a mãe.

Essas mulheres não tiveram acesso à escola, tendo que abandonar nas primeiras séries, o estudo, ou não chegando a frequentar nenhuma escolaridade, pois estudar na zona rural era complicado e tal oportunidade, quando existia, era comumente franqueada aos homens. No caso de Dona Ana, a mais pobre das três, a quem o bio-poder usou suas ventosas com mais veemência, saía para trabalhar pela madrugada e só retornava no crepúsculo do dia, sem condições para dedicar-se a estudos. Assim, a família foi um vetor central nas escolhas que puderam ou não fazer ao longo de suas vidas, inclusive na sua educação.

No caso de Felícia, mesmo sem adquirir educação formal, conseguiu desenvolver forma ímpar de auto educar-se, através das revistas que circulavam na época e que lia à luz do candeeiro, visto que não havia energia elétrica na zona rural na época em destaque. Como afirma:

Eu desarnei na leitura, lendo revista em quadrinho: o Cruzeiro, Capricho, Capricho? Era aquela revista de sonhos, cada coisa linda. Aí passava na luz do candeeiro e ficava lendo

Enquanto Felícia tentou preencher a lacuna nos estudos formais com leitura dos livros e revistas, Dona Noêmia projetou essa realização para os filhos. Sabedora do valor do conhecimento adquirido na escola, foi exigente na educação dos filhos.

Essas mulheres, durante o processo da pesquisa ganharam oportunidade rica de exercitarem o processo de desconstrução/construção de si e, entre as falas, ganha



relevo a dimensão espiritual que entendemos ser o *locus* de aprendizagem e cultivo da existência e da arte de viver. Sem perder de vista a incidência do poder pastoral nas práticas de subjetivação, canalizando em nossa sociedade o cuidado de si para as tecnologias do governo das almas (CANDIOTO, SOUZA, 2012, p.11), aprendemos também que a religiosidade, em suas diferentes manifestações e processos, configura e implica modalidades complexas de relação dos sujeitos consigo mesmos.

Assim, entre as três moradoras, Dona Ana é quem sempre relaciona tudo que faz com essa dimensão, apresentando-se como uma “apaixonada pela vida”. Na sua percepção de si, ela não foi “nobre”, mas diz ter sido “querida por Deus e pelo mundo”. Por um lado é bastante claro como aspectos doutrinários dessa tradição religiosa contribuem para que ela incorpore um etos de conformismo e acomodação face às dificuldades vivenciadas. Mas, por outro lado, notamos um aspecto intrigante na sua relação com a religiosidade, já que é nesse âmbito que ela afirma encontrar as “forças para sobreviver e dar impulso à vida a partir da fé na própria vida”

Menina, eu mesma nunca me entreguei à miséria, como diz o povo. Porque tem gente que se entrega, né? Eu, graças a Deus, não me entreguei não. Como pobre, mas nunca me dei no monturo, eu nunca me fiz de lixo não. Porque tem gente que se entrega ao grude, não gosta da vida. Eu sempre fui uma pessoa pobre, mas gostando da minha vida, esperando em Deus gostar de minha vida. Gosto de viver, eu gosto de viver. (Dona Ana)

Como Candioto e Souza (2012, p.22) destacaram a partir do tratamento de Foucault em relação ao Cristianismo é possível desdobrar duas dimensões: conteúdo doutrinário e sua valoração de cunho religioso e moral e o dispositivo prático do cristianismo no qual se localizam as práticas de si. No que se refere a Dona Ana parece que essas duas dimensões se entrecruzam no delineamento da imagem de si que ela construiu:

É a mesma Ana de hoje, não mudei de diferença. A Ana de hoje é a mesma que sempre aprendeu a gostar de todo mundo, a Ana que faz questão de fazer de tudo para viver bem com todo mundo, não maltratar ninguém e viver, portanto, não viver de casa alheia, não viver falando de ninguém, desejando o mal...Penso que é a mesma Ana. Tenho orgulho da minha juventude e da minha vida toda. (Dona Ana)



Cada uma travou suas lutas contra as discriminações. Dona Ana foi a mais pobre, mas Dona Noêmia, fazendeira, procurou espaço para “se fazer respeitar diante de cento e oitenta homens” que eram administrados por ela, sem descuidar de seu lado feminino, trabalhando e delineando abertura para se expressar em sua alegria e sede de viver desde as inúmeras injunções e amarras a que estavam sujeitas pela força do poder econômico e patriarcal. Todas se transformaram a ponto de serem procuradas por quem “necessitava ser ouvido, em busca de uma palavra de sabedoria”.

Por isso acreditamos que a espiritualidade tem uma função relevante na forma como essas mulheres se formaram e a principal lição de fé, é em si mesmas. Felícia afirma:

Eu nunca disse “ah, é porque estou ficando velha”, não digo isso de jeito nenhum porque o espírito da gente é que eleva a gente, é o nosso espírito, não adianta, eu tenho aquele espírito assim jovem, eu brinco, eu “assuveio”.

Mesmo Dona Noêmia, que responde com tristeza às limitações do tempo, afirma não ter arrependimentos do vivido. Daí o modo singular como elas se colocam diante da solidão, tão comum entre as pessoas idosas. Nesse aspecto, todas comungam de um mesmo sentimento: não se sentem sós, não reclamam dessa experiência.

Conferimos nas entrevistas que todos os sofrimentos e vivências dolorosas alinhavam as histórias de vida dessas mulheres; sofrimentos que foram sendo transformados em desejos, lutas e paixões. Talvez porque, como lembra Priore (2006, p.123) “café vem de Couhet, que significa força e vigor”. E foi em meio a essa força e vigor que nos deparamos com as lições de vida travadas por aquelas mulheres.

No final dos anos sessenta iniciou-se o processo de erradicação do café, causado pelo desflorescimento e escassez de chuvas, as erosões do solo e o incentivo do governo para o investimento dos fazendeiros com a pecuária. Com isso, as vidas em estudo, cruzadas com o destino do café, sofreram outra guinada: duas abandonaram a cidade de Brejão e mora em Garanhuns, cidade distante de Brejão cerca de 19 km e a tercedira foi morar na zona urbana do município em tela. Todas elas se aposentaram como agricultoras e afirmam que “o eu ganham é suficiente para comprarem os remédios”, precisando da ajuda dos filhos e parentes para suprir as suas necessidades. Talvez por isso a maioria



não quis falar mais sobre isso. Preferiam localizar suas memórias a um passado distante no qual se se constituíram e ao seu mundo.

No final do tempo estipulado para os encontros, o ritmo das narrativas voltou a diminuir como se estivéssemos voltando ao começo quando era tão difícil recompor as lembranças vividas. Mas a sensação concreta é que as narrativas as afetaram profundamente, assim como fizeram comigo.

Aos poucos fomos terminando essa etapa da pesquisa, com essa abertura enorme que é tempo da vida e com o desejo dessas mulheres de que esse tempo permita a elas se fazerem visíveis, principalmente, para elas mesmas. Quando perceberam que haveria uma pausa em nossas conversas, prontamente se colocaram de prontidão para continuar e me presentearam com um versinho que cantavam na festa do arrasto, no término da colheita:

Adeus minha Rosa,

Adeus meu amor

Até paroano se nós vivo for.

O café de Josué apanhadeira apanhou,

Josué de satisfeito um festejo ele arranjou,

Deu café a todo mundo, deu cachaça ao tocador.

O tocador se animou, puxou um fole com fé,

Todo mundo arrasta pé, que o forró começou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres ouvidas delinearão formas ímpares de viver, em que o ponto de convergência dessas vivências foi o trabalho nos cafezais, apresentaram suas subjetividades nas diversas dimensões, perpassando por aspectos como a educação doméstica, exclusão escolar, o trabalho, as amizades e espiritualidade, todas tecem forma ímpar de enxergar e encarar a realidade.



Contrariando nossa perspectiva de encontrar mulheres submissas, subordinadas ao ideário masculino, elas relataram muita força para o trabalho no campo e impaciência para atividades do lar. Acreditamos que essas histórias tecidas poderão permanecer afetando quem as ouvir, produzindo assim, outras formas de aprendizagem no âmbito da educação informal.

Essa pesquisa foi promotora de voz às “mulheres do silêncio da história”, como afirmou Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo*. Apresenta assim, sua parcela de contribuição ao campo educacional, na perspectiva de gênero. Trata-se de histórias ricas em técnicas de resistência, processos formativos informal e riqueza de subjetividade nas emoções e sentimentos, também percebemos a participação ativa dos sujeitos no cenário familiar e conjuntura social.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Lisboa. Relógio D'Água Editores, 2010.

CANDIOTTO, Cesar. **Conhecimento – Subjetividade e Verdade no Último Foucault**. Disponível em <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos>

CHAMON, Magda. **Pesquisa Histórica Sobre Educação e Gênero: relato de uma trajetória**. In: CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro (org). **Pesquisa, Educação e Formação Humana**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. SP, Martins Editora. 1966

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II-O Uso dos Prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições GRAAL, 1984.

FREITAS, A. S. **O Cuidado de Si como articulador de uma nova relação entre Educação e Espiritualidade**. In: RÖHR, F. (Org) In: Diálogos em Educação e Espiritualidade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006 . http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362006000100003&lng=pt&nrm=iso.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncio da História**. Bauru, SP.EDUSC,

PRIORE, Mary Del e Renato Venâncio. **Uma História da Vida Rural no Brasil**. Rio de Janeiro. Ediouro, 2006

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2 Ed. São Paulo. Contexto. Brasil, 2006



RAGO, Margareth. **Mulher Cordial: feminismos e Subjetividades.**
revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/5015/3557

TILLY, Louise. A. **Gênero, história das mulheres e história social.** Cadernos Pagu (3)
1994: pp. 29-62.

VEIGA-NETO, Alfredo. Alfredo. **Foucault & a Educação.** Coleção Pensadores e
educação. Autêntica. 2003.